

Literatura, leitura e figuração do imaginário (e *Uma carta...*)

Dionísio VILA MAIOR
(Universidade Aberta)

UMA CARTA...

Tinha eu chegado à Universidade Aberta em 1993. Começava, então, a trabalhar na Delegação de Coimbra desta Universidade.

Lembro-me, pouco depois, de uma tarde em que um colega meu me dizia que a Professora Emília Ricardo Marques viria a Coimbra. Perguntei-lhe, então, como é que ela era, questão à qual ele me respondeu: «Uma Senhora, no sentido mais distinto da palavra».

Fiquei curioso!

Procurei então saber em pormenor quem era "A Senhora Professora". Dirigi-me à Biblioteca e encontrei algumas obras de Maria Emília Ricardo Marques. Desde logo, frequentei as badanas, e vi a fotografia, e li os elementos do seu curriculum, e, pouco a pouco, sem que o tivesse percebido, começava a animar-se em mim, relativamente à Professora, aquela noção de Eliot da right tradition... Por outro lado, acomodava-se-me — tão excessivamente — um extraordinário sentimento de insignificância! Eram tantas as virtudes de poder científico que disciplinavam aquelas referências curriculares!! De imediato naveguei através do impulso que as palavras de Bernardo Soares então me encaminhavam, quando escreveu que «Quanto mais alto o homem, de mais coisas tem que se privar».

Fui-me, depois, desprendendo na leitura de alguns textos da Professora Maria Emília Ricardo Marques. E, gradualmente, aquele extraordinário sentimento... E tanto mais esse sentimento se me acrescentava, quanto mais me perturbava o sorriso com que a Professora Emília assinava também a fotografia presente na badana! Sorriso mimoso e brilhante de permanente menina!

Fiquei ainda mais curioso!

Algumas semanas mais tarde, daquele sorriso poderia eu ter escrito que continuava a repousar a tranquila bondade marinha com que o olhara pela primeira vez, em Coimbra.

Hoje, poderia escrever que, se as palavras, enormes, da doutrina da Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques cantassem, nelas ouviria uma, sempre duplicada, surpresa feita de melodias luminescentes que só a admiração por alguém tão excepcional permite.

Palavras, minhas, para celebrá-la, Professora, não as tenho como de mim adequadamente merecia. Gostaria de poder escrever algo sobre o mar da Sociolinguística, ou, talvez, sobre alguma outra praia cadenciada pelas verdades que a Professora ensinou com aquela «ânsia abstracta de conhecer» que, segundo Pessoa, distingue os «tipos mentais superiores da humanidade»...

Apesar de em mim se imaginar a certeza de uma enorme saudade, apesar de em mim se ajustar o fascínio de escutar a memória dos diálogos generosos que consigo mantive... palavras, não as tenho, tantos são os sons que de si me foram preenchendo! Um desses sons foi aquele sorriso com que me avivou, quando defendi a minha tese de doutoramento sobre a crise do sujeito em Pessoa, Almada, Sá-Carneiro e Ferro. A exigência e o parecer avisado do meu Orientador, o Professor Carlos Reis, fora-se traduzindo na confiança que naturalmente se me imporia nesse

momento tão importante; e, durante todo esse momento, Professora, o seu sorriso... O tempo, delicado, de defesa de tese ia, então, repousando e, com o seu sorriso amigo, confienciava-me a estabilidade e a segurança definitivas...

E, porém, com tanta aflição me persegue aquele outro momento em que os Amigos, Professora, quiseram conviver consigo durante um almoço... e eu, na altura, por motivos familiares, não pude ir!!! Entretanto, escrevi-lhe, inquieto, que não me seria possível partilhar in loco da alegria e do entusiasmo que todos os colegas, e Amigos, sentiam (e sentem) ao estar perto de si. E escrevi-lhe, Professora, ainda:

«Não poderia, no entanto, deixar de lhe transmitir o seguinte: por Si nutro uma imensa admiração. Tantas vezes, em conversas entre colegas, a sua humanidade foi por todos enaltecida! Tantas vezes a sua condescendência se destacou entre palavras de alento e ternura! Tantas vezes com bondade me gratificou! Tantas foram as vezes que ensinou, pelo exemplo, a necessidade de uma contínua devoção ao exercício académico e à investigação científica! Tantas foram as vezes que encontrei a estabilidade e a justeza nas suas palavras. Tudo isso e a certeza de uma convicção comigo permanecerão... a mesma certeza, a mesma convicção a que, um dia, Balzac se referiu, quando disse:

*Ce qui rend les amitiés indissolubles et double leur charme est un sentiment qui manque à l'amour: **la certitude.**»*

É essa certeza que persistirá em mim, Professora.

A Literatura, a leitura e a figuração do imaginário*

1. «Para ser grande, sê inteiro...»

«Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes» (PESSOA, 1986a: 856). Foi com estas palavras que, tinha eu onze anos, pela primeira vez convivi com a poesia de Fernando Pessoa — ou melhor, com o seu heterónimo Ricardo Reis.

Desde então, tenho procurado observar esse preceito com aquela disciplina que o requisito que lhe está adstrito implica. Foi assim, com esse princípio em mente, que, algum tempo depois, escolhi seguir um caminho — ao longo do qual tantas vezes iria saborear uma emoção pela Literatura permanentemente reavivada.

Percorrendo esse caminho, esse processo de aprendizagem, tive mais tarde o privilégio de me encontrar diante da Literatura Portuguesa com a exigência e o rigor a que o espírito universitário obriga — frequentava então, em Coimbra, o Curso de Línguas e Literaturas Modernas.

Paulatinamente, ia concebendo o verdadeiro alcance daqueles versos.

Contudo, progressivamente também, ia auscultando as dúvidas com que, um dia, Bernardo Soares se confrontou, quando se pronunciou sobre as **tentações habilidosas da vontade ladina**, sobre essa **humana intermitência entre aquilo que se deseja fazer, o que se vai fazendo e o que realmente se faz**.

No *Livro do Desassossego*, este semi-heterónimo pessoano enfrentou por diversas vezes as interrogações da sua escrita. Num dos fragmentos desse *Livro* — a este nível particularmente significativo —, escreve o seguinte:

Sabemos bem que toda a obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a de aquilo que escrevemos. Mas imperfeito é tudo (PESSOA, 1986b: 550).

Não é por acaso que estas palavras de Bernardo Soares destacam dois pontos nucleares: a imperfeição — como sendo a principal característica da obra humana — e a lógica inevitável ao necessário reconhecimento apriorístico de quem a realiza. Mas outros raciocínios nos são igualmente consentidos: é humano **admitir como possível o que é insubsistente**; é humano **admitir como exacto aquilo que é, à partida, irregular**... E, por isso, é humano **ambicionar a figuração do imaginário** — pela qual a ilusão do sonho não raras vezes mareja dolorosas reticências.

2. A Literatura e a fragilidade humana

Entretanto, por força de garantias metodológicas, nós, professores, leitores, entendemos essa aspiração como imposição de uma liberdade... atrevida, é certo, mas sempre acautelada por aquele equilíbrio invocado por Pessoa, quando defendia que com o entendimento se deve abastar a sensibilidade.

É certo que a Literatura é um meio para compreender as **silentes contingências da vida e do Homem**. É certo, de igual modo, que a Literatura legitima **a realidade da ficção** — pois representa o real. Mas ela também ratifica a tentação do utópico — pois **autoriza a interrogação ao impossível** (ainda que, por vezes, essa interrogação convizinhe — na nossa prática lectiva — com uma obstinação de tristezas discretas...).

É certo, ainda, que a Literatura se estabelece **nas intermitências da totalidade** — pois modeliza, com uma malícia inquietante, todas as emoções e todos os saberes.

Porém, não é de igual modo menos verdade que **a Literatura se constrói sobre a transgressão**. Consequentemente, promove a incriminação de quem a ensina a ler, já que a Literatura se fundamenta sobre uma Língua — sendo que esta, a Língua, oprime, pela determinação das suas classificações categoriais e pela congregação identitária com que submete os seus falantes.

No entanto, de igual forma a Literatura se apresenta ferinamente como um **discurso dissimulado de uma liberdade dolorida**, porque (com elegante subversão) nos devolve vontades de esperanças confidenciosas; porque nos repreende; porque nos lembra que não podemos perder a nossa essência humanista; porque nos recorda a fragilidade humana.

Jorge Luís Borges dizia que "ser imortal" «é insignificante» e que, «com excepção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte» (BORGES, 1998: 560). Pessoa, por sua vez, escreveu que a «grande arte [...] [continuamente] aponta a nossa imperfeição» (PESSOA, 1986b: 1214). Assim, a Literatura subjugua o leitor, intima-o a aceitar o seu poder, porque por ela o sujeito[-leitor] se reconhece e à sua "imperfeição".

3. A Literatura e a convivência com os nossos *afectos*

Mas não será, afinal, o intuito derradeiro de todos nós, professores, ajudar a compreender esse reconhecimento?

Não procuraremos nós, sobretudo leitores, penetrar no texto literário e saber até que ponto — no refúgio encantador (e perverso) do seu registo — reconhecemos os caprichos da nossa própria inquietação, mas também o convite para a nossa própria liberdade?

E esta liberdade? Não se fundamentará ela na possibilidade de interrogarmos a vida em todas as suas dimensões?

É possível que haja nesse beneplácito uma tímida concessão da arte literária. Mas não é igualmente menos possível que (pela leitura do texto literário, pela vivência do fenómeno estético-literário) podemos aspirar, *subjectivamente*, ao **aperfeiçoamento interior**. Será esse o derradeiro patamar, antes de conseguirmos aquela «consolação espiritual» de que nos fala Fernando Pessoa... E o caminho para essa **essencialidade** começa quando o texto literário entra em nós, quando o texto literário nos acomoda à intimidade dos nossos *afectos* mais esquecidos, quando o texto literário nos entrelaça quer com a nossa própria consciência, quer com uma *outra* consciência que (dissimuladamente, ou não) se manifestou nesse texto.

4. A leitura e o *acrescentamento* do leitor

Deste modo, diante desse texto, o que poderei eu fazer, enquanto professor de Literatura — mas, acima de tudo, professor?

Posso aprender a desaprender — ou seja, posso reviver continuamente, rejuvenescendo-me em cada *momento* de leitura. Esse movimento de contínuas revivescências, penso consegui-lo quando procuro também desaprender o que apreendi, concedendo algum protagonismo à vitalidade centrífuga do esquecimento.

No livro *Presenças Reais*, escreve George Steiner que, quando «deparamos com o acto do poeta [...], quando esse acto entra nos recintos, espaciais e temporais, mentais e físicos, do nosso ser, traz consigo um apelo radical de mudança»; e acrescenta:

O despertar, o enriquecimento, a complexidade, o obscurecimento, a alteração da sensibilidade e da compreensão que se seguem à nossa experiência são prenúncios de acção (STEINER, 1993: 132).

É nesse **acrescentamento** de mim enquanto leitor, é nesse *acrescentamento* dos meus sentimentos, das minhas disposições de alma, dos meus afectos, que reside — em grande parte — o meu prazer pela leitura... um prazer que significa, por um lado, o contacto (através de uma sinceridade lúdica) com uma *outra consciência*... um prazer que significa, por outro lado, o respeito pela entidade multifária que é o texto literário... um prazer que significa, por outro lado ainda, a possibilidade de *escutar, escolher, recolher* e (como denuncia a etimologia do verbo *ler*) *percorrer* os sentidos polifónicos desse texto.

5. A leitura, a escrita e a doutrina dos *exemplos* literários

Por essa perspectiva, o acto de leitura (esse "encontro frutífero com o florescência do sentido") é, para mim, um acto de contínua sedução, em que a imaginação pode *figurar*, *prefigurar* e *configurar* a hipótese de uma plenitude.

Essa plenitude, vou encontrando-a, por exemplo, em Mário de Sá-Carneiro, em Almada Negreiros, em Fernando Pessoa e nos seus heterónimos — todos eles autores cujos textos e obras primam pela fecunda munificência literária, persistem pela efluente exemplaridade e persistem pela convalidação paradigmática.

Assim, em **Mário de Sá-Carneiro**, vou conhecendo as ilusões e os fracassos que retalham a insaciável ânsia humana.

Lendo **Almada Negreiros**, vou percebendo que a identidade de cada indivíduo se apura no jogo relacional entre a manifestação do *caso pessoal* e o diálogo com a colectividade.

Essa percepção, encontro-a também nas releituras que vou fazendo de **Fernando Pessoa** — em cujos textos vou descobrindo que a interrogação à *perfeição* se salda precisamente na verificação múltipara da verdade.

Ainda que noutros termos, e seguindo trajectórias diferentes, é isso que, afinal, também me vai mostrando **Alberto Caeiro**, para quem o mais importante é a visão simples, objectiva e inocente das coisas.

Já relativamente a um outro heterónimo, **Álvaro de Campos**, vou-me defrontando simultaneamente com o triunfalismo vital e com o desconcerto dos nadas a que por vezes induzem os intentos almejados.

Procuro, todavia, nunca me esquecer daqueles versos de **Ricardo Reis**:

Ponho na altiva mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E a suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súdita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve (PESSOA, 1986a: 860).

Com estas palavras, vou tentando compreender que a disciplina da escrita encontra a sua determinação numa prescrição mental. E a evocação desta máxima é tanto mais importante na nossa prática lectiva, quanto é certo essa prática nos reenviar para o período de reflectida e longa aprendizagem, necessário à concretização boa e eficaz do acto estético, em primeira instância, mas, em última instância, de qualquer acto na nossa profissão.

Moveu-me desde cedo o entusiasmo pela produção escrita destes autores. E tem sido com entusiasmo que com a sua produção tenho privado, na tentativa de ir compreendendo a **humana procura da temperança e do amadurecimento**. A este propósito, não resisto a evocar um texto — intitulado *Cuidado com a Pintura* — de Almada Negreiros, onde este lembra uma história passada com Picasso:

Um dia, perguntaram a Picasso qual era a primeira coisa que era necessário para ser pintor. Picasso respondeu: Sentar-se.

— Ah! O mestre pinta sentado? — disse o outro, julgando estar senhor de uma confiança íntima do artista.

— Não. Eu pinto sempre de pé — disse Picasso.

E é isto mesmo: Primeiro que as cores deixem de ser tintas é necessário que se tenha formado primeiro o pintor; é necessário muito tempo antes mesmo de poder principiar; é necessário sentar-se (NEGREIROS, 1993a: 101).

Ao recordar este episódio, Almada mostra compreender a necessidade de, persistentemente, cada um de nós procurar o seu próprio sazonalamento, à custa de muito trabalho e de muita ponderação. E se esse sazonalamento for conseguido, colocando cada um de nós "todo o empenho em cada mínima coisa que fizer", então mais facilmente cada um de nós compreenderá o preceito de Ricardo Reis («Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes»).

6. O professor de Literatura

Esta questão remete para uma outra: que atitudes, então, adoptar para ler o texto literário? Perguntar "que atitudes adoptar?" pode significar o mesmo que perguntar "quem as toma?". Neste contexto, creio ser importante ter em conta o papel do professor [de Literatura]. E, quando o que está em causa é um processo de ensino/aprendizagem, é evidente que esse processo não se pode dissociar das funções desse professor. Independentemente do que tal questão poderia envolver, cumpre relembrar algumas funções fundamentais que reencaminham para um processo cujas consequências radicam (mediata, ou imediatamente) na valorização da leitura.

Recordemos, neste contexto, uma carta enviada por Umberto Eco a Carlo Maria Martini. Nessa carta, o autor d' *O Nome da Rosa*, referindo-se ao discurso dos finais dos tempos, especifica que «cada um joga com o fantasma do Apocalipse ao mesmo tempo que o exorciza, e quanto mais o exorciza mais inconscientemente o teme» (ECO/MARTINI, 1999: 17). Deixando de lado uma abordagem de índole psicologista, cremos que é justamente em função do sentido subentendido por estas palavras que poderemos compreender uma das funções do professor de Literatura (e não só...). Essa função remete-nos para a necessidade de este professor ser capaz de se distanciar objectivamente de todas as opiniões que prenunciam a desvalorização (e eventual desaparecimento [?!]) do livro. Essa posição traduzir-se-ia, em parte, não propriamente num modo de "exorcizar" o medo que isso se concretize, antes numa resposta que constituísse o garante da confrontação, e sobretudo discussão, desse cenário. Talvez também por isso mesmo esse professor deva saber, diversamente, conduzir os seus alunos à necessidade de uma cada vez maior **consciencialização** dos males da humanidade. E decerto que essa consciencialização crítica ajudaria os alunos a escolher com maior autonomia as opções que lhe são oferecidas pela vida.

Parece, portanto, ser imprescindível ao professor de Literatura (e não só...) **ajudar** os seus alunos **a reflectir sobre a precaridade existencial e sobre um certo decadentismo ético-moral do Homem**. E quando essa orientação obedece primacialmente a intuítos pedagógicos, com facilidade se concluiria que o professor poderia concretizar com alguma facilidade dois dos objectivos do processo de ensino/aprendizagem: **corrigir e aperfeiçoar** o aluno.

Daí que: para além da necessidade contínua de o professor trabalhar no sentido de **desenvolver e estimular a imaginação do aluno**; para além de ter que **se adaptar às mudanças** culturais, históricas, sociais, tecnológicas; para além de lhe ser imprescindível procurar continuamente aprofundar o seu **conhecimento pluridisciplinar**; para além de ter que ser

paciente... para além disto tudo, é dever do professor actuar em benefício da autovalorização do próprio aluno, ajudando-o a encarar-se num sentido positivo e a ir ao encontro das oportunidades que a Literatura lhe oferece — no sentido conferido por Borges (quando defendia que somos ricos “mais em perplexidades do que em certezas” e que a Literatura nos deve ajudar a fornecer essas certezas). Evidentemente que não o conseguirá apenas pela vitalização do gosto pela leitura. Mas é um passo importante.

Deste modo, e em última instância, orientar o aluno a ler o texto literário poderá significar, acima de tudo, **contribuir para a formação e para a consolidação da consciência desse aluno**, poderá significar contribuir **para o desenvolvimento do sentimento de tolerância** pelo outro, ou, ainda, poderá significar contribuir **para uma contínua autocorreção** e um **consolidado auto-aperfeiçoamento**... Não que por meio dessa busca se procure a perfeição absoluta, mas a **perfeição relativa**; não a verdade monológica, mas a **verdade plural**.

No que disse até aqui, seria errado concluir que se deveria vincular a actuação do professor a um conjunto de ‘receitas’ que programem o seu comportamento. Não me tenho, nem nunca me terei como alguém capaz de dar receitas; antes procuro falar, tão simplesmente, do leitor que procuro, continuamente, ser. E tanto mais fácil é este propósito, quanto mais difícil se torna falar sobre a leitura do texto literário, num tempo em que tantas outras obrigações de índole profissional obrigatoriamente impendem sobre nós. Para além de que, ao nível da leitura do texto literário, um conhecimento de tipo algébrico, ou doutrinário, correria o risco de ser contraditório em relação ao equilíbrio que a prática da omnisciência prudentemente aconselha; até porque difícil não é *saber ler*; difícil é **gostar de ler**.

Nesse sentido, procuro sempre favorecer em mim duas sugestões: a modéstia e o “amor pela Literatura”. São estas, em especial, que me interessam enquanto docente, já que são sobretudo elas que me fomentam o gosto permanente pelo texto literário. Cabe à primeira (a modéstia) solicitar o reconhecimento de que, quando estou numa sala de aula, procuro não só ensinar, mas também aprender coisas que desconheço (ou que já esqueci). Sobre a segunda já se pronunciou Jorge de Sena, num texto intitulado precisamente *Amor da literatura*. Nesse texto, escreve:

Há que amar a literatura. [...] Amando-a, [...] é impossível não querer conhecê-la em toda a parte e em todos os tempos, em extensão e em profundidade; é impossível não querer estudá-la, para transmitir e comunicar aos outros a fascinação que ela exerce sobre nós [...] (SENA, 1984: 98).

7. A verdade só existe quando não há disputa de argumentos

Resta-me terminar, lembrando alguns princípios elementares do bom senso: eles ensinam que **a verdade só existe quando não há disputa de argumentos** e que, **se permanecer a discussão, continua a haver suposições**.

Pela minha parte, pretendo continuar a ler e a encorajar o gosto pela leitura do texto literário, pretendo continuar a aprender e a desaprender, mas pretendo igualmente continuar a **experimentar o terreno das possibilidades pressentidas** e a **testar os contornos das hipóteses renovadas**.

E, se conseguir, pela leitura do texto literário, promover, com afecto, o desenvolvimento dos afectos (dos alunos), então, sim, sentir-me-ei um pouco mais completo.

Notas

* Parte deste texto integrou uma secção da nossa tese de Doutoramento. Algumas outras ideias foram, entretanto, desenvolvidas numa conferência que, a convite, proferimos, em Maio de 2002, na Biblioteca Municipal António Ramos Rosa (Faro), num encontro subordinado ao tema *Leitura de Afectos*.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland (1987) - *O Rumor da Língua*, Lisboa, Edições 70.
- BORGES, Jorge Luis (1998) - *Obras Completas (1923-1949)*, Lisboa, Círculo de Leitores, Vol. I.
- BORGES, Jorge Luis (1999) - *Obras Completas (1975-1988)*, Lisboa, Círculo de Leitores, Vol. IV.
- CURTIUS, Ernst Robert (1989) - *Literatura Europea y Edad Media Latina*, Mexico/Madrid/Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, Vol. 1.
- ECO, Umberto e MARTINI, Carlo Maria (1999) - *En qué creen los que nos creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*, 4ª ed., Madrid, Ediciones Temas de Hoy.
- LOPES, Teresa Rita (1990) - *Pessoa por conhecer — Textos para um novo mapa*, Lisboa, Editorial Estampa, Vol. II.
- MACHADO, José Pedro (1990) - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 6ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 5 Vols.
- NEGREIROS, José de Almada (1993a) - *Obras Completas — Textos de Intervenção*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. VI.
- NEGREIROS, José de Almada (1993b) - *Obras Completas — Teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. VII.
- PESSOA, Fernando (1986a) - *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol I.
- PESSOA, Fernando (1986b) - *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol. II.
- POPPER, Karl (1987) — *Sociedade aberta, universo aberto*, Lisboa, Dom Quixote.
- SENA, Jorge de (1984) - *O Reino da Estupidez—I*, Lisboa, Edições 70.
- STEINER, George (1993) – *Presenças Reais. As Artes do Sentido*, Lisboa, Editorial Presença.